

BARBOSA, Elyana. **Jean-Paul Sartre, o Filósofo da Esperança.** In: CESAR, Marcondes Constança; BULÇÃO, Marly. (Org.). *Sartre e seus contemporâneos. Ética, Racionalidade e imaginário.* São Paulo: Idéias& Letras, 2008. 9-16.

Thiago Teixeira Santos*

Voltamo-nos aqui a uma coletânea de textos organizada por Constança Marcondes Cesar, professora da PUC Campinas, e por Marly Bulcão, doutora em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e intitulada *Sartre e seus contemporâneos: Ética, Racionalismo e Imaginário*. Neste texto não encontramos apenas elementos latentes do pensamento sartriano, mas a posição de alguns pensadores importantes em relação ao nosso autor, seja porque influenciaram diretamente em sua construção filosófica, seja porque conviveram com ele ou porque mantiveram diálogos contrários às suas reflexões. Verificamos, na apresentação da obra, quão importante Sartre foi ao século passado por sua vasta produção intelectual, literária e política. Este teve como maiores influências dois grandes mestres que marcaram incontestavelmente o século XX, a saber: Husserl (1859-1938) e Heidegger (1889-1976). Aquele deixou à tradição filosófica sua fenomenologia, que Sartre retoma e que tem grande relevância em sua filosofia existencial. Do mesmo modo, isto é, como grande influência para nosso autor está Heidegger, a cujas obras Sartre demonstrou grande dedicação na medida em que retoma, de forma análoga, temáticas filosóficas como: existência, temporalidade, angústia, liberdade e ser com os outros.

A obra aponta pensadores que mantiveram posturas contrárias à reflexão filosófica de Sartre como Gabriel Marcel que, embora tratasse de temas comuns a Sartre, assume uma compreensão do homem amplamente distinta do existencialismo ateu. A distância entre estes dois autores está, fundamentalmente, na negação de Sartre a qualquer transcendente, colocando o homem na inteira responsabilidade de sua existência, de sua liberdade e de

*Mestrando em Filosofia pela FAJE. E-mail: thiago_philosopho@yahoo.com.br

sua vida política. Nesta esteira, isto é da contraposição, encontra-se Bachelard que criticou, entre outros pontos, as posições sartrianas que versam sobre a imaginação e o imaginário.

Tal obra é composta por doze textos de distintos autores que se propõem a traçar, nas duzentas e sete páginas, um campo de discussão filosófica com assuntos como: ética da responsabilidade, noção de imaginário, alteridade, consciência, existencialidade, inautenticidade, engajamento, percepção e fenomenologia, moralidade, má-fé e, por fim, uma análise das produções artísticas de Sartre. Em cada um dos doze textos dispostos na obra é encontrado, de forma competente, cada traço elementar para a compreensão do autor em foco e mais, o ponto de interligação ao pensamento de Sartre, seja como contribuição positiva ou contrária. De modo peculiar escolhemos a perspectiva de Elyana Barbosa, doutora em Filosofia pela USP, por sua preocupação em apontar uma ética no escopo do existencialismo ateu de Sartre. É notório o porquê de tal escolha, isto é, pela dificuldade de alguns pensadores em afirmar uma moralidade no pensamento sartriano, problema esse do qual Elyana Barbosa retirou a turbidez de forma genial e, na mesma medida, fiel a todo o arcabouço teórico de nosso autor.

Responsabilidade e Humanismo: A esperança de Sartre

O filósofo da liberdade. Assim Sartre foi nomeado pela tradição filosófica e pelo grande público leitor de sua obra. Certo é que, de fato, o núcleo de seu pensamento é a liberdade, mas esta condição humana, isto é, elementar traço da existência humana para Sartre é, por vezes, mal compreendido. Considerar Sartre o filósofo da liberdade exige um esforço maior do que se apresenta a primeira vista e Elyana Barbosa se dedica a esse esforço de modo louvável.

A autora demonstra entusiasmo ao escrever suas experiências pessoais com Sartre e seu pensamento. Ainda jovem, nas décadas de 60 e 70, estudante de filosofia, não compreendia com maturidade a importância dos escritos de Sartre para o pensamento filosófico e ficou a par de algumas informações pessoais que se tornavam tão famosas quanto a produção intelectual de Sartre, como, por exemplo, que ele havia tomado

anfetaminas para concretizar a *Crítica da Razão Dialética*(1960), idéias que deveriam entrar em sua primeira obra de destaque, isto é, *O ser e o Nada* (1930), intenção podada por motivos políticos. Ademais, retrata como foi sua experiência em encontrar o casal de filósofos mais requisitados de sua época e que falavam de sua preocupação com as guerras que estavam ocorrendo na África. Sartre, nos dizeres da autora, “era transparente, a sua vida e sua obra estavam estreitamente relacionados” (BARBOSA, 2008.p.10), além do mais, deixava claro que ser existencialista não era assumir uma vida caótica e desenfreada, mas sim uma questão de dignidade, caráter.

Em sua análise, a autora considera Sartre “um dos últimos humanistas” e isto por ele se voltar a desvelar o homem ao homem, entregando-lhe sua dignidade e responsabilidade para consigo mesmo e para com outrem. Preocupava-se, entre outras questões, com os verdadeiros valores do homem: “ser autêntico” e deixar de ser “besta humana”. O homem, para nosso autor, deveria perceber-se responsável e, por sê-lo, escolher toda a humanidade. É o que afirma: “Edifico esta universalidade ao escolher-me. Eu a construo compreendendo o projeto de qualquer outro homem, de qualquer época que seja” (SARTRE, 2010.p.40). Ao escolher-se o homem escolha determinada imagem de homem, com valores e ações que configuram um horizonte humano. Aqui está o ponto elementar do texto em questão: “Sartre instaurou uma ética da responsabilidade; ser homem é ser responsável pelos seus atos, pelo que fazemos, dizemos, decidimos, responsáveis pelo modo que vivemos, amamos e sofremos” (BARBOSA, 2008.p.11). Na questão do sofrimento é preciso lembrar que Sartre rejeita a psicanálise freudiana e toma a angústia como elemento constitutivo do ser e que precisa ser enfrentada pelo homem.

Considerado um “guru” no melhor sentido do termo, Sartre pretendeu resgatar o homem da descrença na razão e na moral e, sobretudo, do “fundo do poço” no qual ele estava após as duas grandes guerras. Seu intento firmava-se em mensagens que mostravam a esse mesmo homem derrotado, descrente, a possibilidade de ser digno. Poderia ser a autora questionada: Ética? Mas e a alteridade? Ora, o existencialismo é um humanismo porque é na relação com o outro que nos constituímos como seres humanos. Pelo outro somos aceitos, amados ou odiados. Em relação aos questionamentos e injustiças à obra de Sartre, a autora retoma Bernard Henri Lévy que pede “Justiça para Jean Paul Sartre”, numa

matéria para o *Le Monde* (18.03.2000), justiça por sua vida e obra contra os “ressentimentos” contra este grande pensador do século XX.

O autor em questão passou sua vida cercado por conflitos e controvérsias, mas Elyana Barbosa esclarece que ele não se vinculava a nenhum partido, ideologia e religião numa época em que, para ser intelectual, necessariamente deveria haver alguma filiação desse modo.

A maior das inquietações apontadas por Elyanna está na frase: “Eu morrerei na esperança”, frase esta que pode causar, nos que se dedicam às obras de Sartre, grande estranheza, mas aqui também deve haver a justiça pedida por Lévy, pois, o que o autor de *A Náusea* (1938), *O muro* (1939), entre outras obras que frisam a solidão e o “crepúsculo da vida” queria, de fato, dizer com seu desejo de esperança? A resposta está no projeto, na ação do homem que transcende rumo a objeto futuro tendo em vista o presente, ou seja, a certeza da realização da ação. O homem está sempre por se fazer, sempre formando sua essência nunca pronta. Ademais, o problema da constituição traz consigo a necessidade de tratar da moralidade e então Sartre passa da “ética da responsabilidade”, para a “dimensão da obrigação”. Tal esfera só se efetiva em relação ao outro, bem como na liberdade onde o outro é o limite.

Por fim, merece também ser lembrada a obra de Régis Drebay, mencionada por pela autora, onde Sartre é considerado o filósofo que se dedicou a entender os fracassos de seu tempo, como a “grande consciência” desse tempo. Fica-nos claro que, nesse artigo, há o entendimento de que a esperança para Sartre está na constante constituição do horizonte humano, num projeto nunca acabado e que se configura num longo desenvolvimento histórico. Belos textos, que merecem ser lidos e relidos como uma justa homenagem a Jean-Paul Sartre.